

POSSESSÕES DEMONÍACAS EM MICHEL DE CERTEAU: ELABORAÇÕES IMAGINÁRIAS DO MALIGNO NO CONFRONTO COM A ALTERIDADE

Larissa de Assis Pimenta Rodrigues¹

Resumo: *Este estudo de perfil interdisciplinar se propõe a analisar as aproximações, promovidas pela escrita de Michel de Certeau, entre a história, a psicanálise e a mística, no que tange ao estudo de casos de Possessão. Estes seriam casos em que o sujeito que se vê diante de uma crise individual ou sócio-cultural, e que se defronta, portanto, com uma alteridade que o desestabiliza profundamente, tencionando todos os seus significados e valores. Tal desequilíbrio produziria a sensação de uma ausência, colocando o sujeito em um estado de profundo padecimento. Na história, esta ausência seria o Outro do passado, na mística o Outro divino, metafísico, e na psicanálise o Outro recalçado em si mesmo que retorna. A pesquisa, portanto, toma como referência os casos de três personagens estudados por Michel de Certeau: Daniel Paul Schreber (Século XIX), de Jeanne des Anges e Christoph Haizmann (ambos do século XVII). Nas histórias destes sujeitos, que viveram fenômenos de possessão demoníaca, a alteridade com a qual eles lidavam ganhava a forma de uma figura maligna, a qual, tradicionalmente na cultura Ocidental, ganha aparência do demônio. Os três domínios de conhecimento também se aproximam na reorganização do sujeito padecente depois do abalo do confronto com a alteridade. Ocorre que o testemunho dado por ele o faz se aliar ao outro de forma que lhe restitui de sua subjetividade depreciada, aniquilada. Parte de si a reconstrução de seu mundo ao relatar o que passou através de um testemunho historiográfico, ou por um tratamento psicanalítico, ou através de uma escuta espiritual.*

Palavras-chave: *Michel de Certeau; interdisciplinaridade; possessão.*

INTRODUÇÃO

1.1. Conceito de possessão segundo Michel de Certeau

A possessão aqui é evocada como um conceito cunhado pelo próprio Michel de Certeau, e é um tema que comporta a possibilidade de diálogo interdisciplinar. Por isso é usada como categoria abrangente não restrita ao fenômeno religioso, mas como uma transformação de si durante o confronto com o Outro que causa sofrimento ao sujeito. Por Possessão falamos aqui de uma:

Ruptura da identidade caracterizada pela presença de dois ou mais estados de personalidade distintos, descrita em algumas culturas como uma experiência de possessão. A ruptura na identidade envolve descontinuidade acentuada no senso de si mesmo e de domínio das próprias ações, acompanhada por alterações relacionadas no afeto, no comportamento, na consciência, na memória, na percepção, na

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: apr.larissa@hotmail.com

cognição e/ou no funcionamento sensório-motor. (*apud* COSTA, 2017, p. 185).

Comumente, o que é estranho é isolado, oculto, apagado e ignorado. O historiador costuma ser incumbido de eliminar ou disfarçar as lacunas, as incoerências, as nuances, as partes que destoam do padrão comum. Mas o proposto por esta pesquisa é que também o diabo deve ser ouvido, a loucura tem que ser assimilada e decodificada para a manifestação do Outro. Contudo,

(o historiador) também recebeu da sociedade a tarefa de exorcista. Existe sobre ele a demanda de eliminar o perigo do “Outro”. Pois ele pertence às sociedades (entre as quais está a nossa) que Lévi Strauss denominou como *antropoêmicas* (de *Emien*, “vomitar”), contrastando com as sociedades *antropofágicas*: estas últimas, ele (Lévi Strauss) diz, contam com a absorção de certos indivíduos que possuem poderes perigosos como o único meio de neutralizar esses poderes, e até mesmo de torná-los benéficos. Nossas sociedades, pelo contrário, têm os indivíduos em um corpo social e os mantêm temporariamente ou permanentemente isolados [...] (CERTEAU, 2000, p. 227, tradução minha).

Sendo assim, por possessão, De Certeau entendia um “teatro, onde se representam questões fundamentais, mas à maneira de uma encenação [...]. Então, no pequeno teatro da possessão, representa-se uma modificação das estruturas epistemológicas, políticas e religiosas de uma época”. (CERTEAU, 1982, p. 244).

Dessa forma a possessão pode ser uma linguagem, expressando um sintoma na experiência individual perpassada por padecimentos, originados num contexto sociocultural que passa por grande crise de significação. Sendo assim o sujeito se percebe envolto de uma estranheza nova ainda inominável, e por isso muitas vezes tida como maléfica.

1.2. Metodologia e fontes

A metodologia adotada toma forma de uma investigação teórico-conceitual inspirada nos textos e procedimentos do próprio De Certeau indagado pelo questionamento sobre se haveria um discurso do Outro na possessão. A historiografia, por exemplo, só pode interpretar a possessão de Loudun no século XVII como um passado que penetra as fissuras do presente e desestabiliza sua pretensão de verdade absoluta. Este passado que retorna desestabiliza, relativiza, desorganiza, reelabora, coloca em perspectiva.

De Certeau aproxima as experiências de degradação de si vividas especialmente por Schreber às experiências místicas, em que o sujeito abdica de sua subjetividade, se sua identidade primeira, a qual ele deixa morrer, e ele passa por processos de depreciação e degrada-

ção semelhantes. A nomeação de Schreber como Luder parece a nomeação que os místicos fazem para entregarem-se a uma nova vida de contemplação e serviço a Deus; e a degradação de seu corpo assemelha-se ao mesmo processo (mais prático e menos simbólico) entre as experiências místicas e torturas institucionais.

Para De Certeau a manifestação do Outro não depende da vontade de um povo, uma cultura ou um indivíduo: ele vai se manifestar ao primeiro sinal de crise. Numa situação de relativização de valores e de significados, a alteridade surge e reelabora a relação de autoridade vigente, causando a princípio uma inversão e submissão. Por isso é importante analisar casos específicos, na prática, nas bases da situação.

No ocidente esse estranho costuma ser uma alteridade que ganha formas demoníacas. Mas os grandes levantes de bruxaria dos séculos XVI e XVII designaram uma profunda ruptura numa sociedade religiosa. Assim a vida perdia seus sentidos sólidos e ganhava nuances, soluções alternativas, entre as quais, aparição do diabo. Historicamente, nos eventos de hibridismo cultural com as Américas, Ásia e África, os ocidentais utilizaram da demonologização para subordinar as culturas alheias.

Nesse sentido, se o ocidental é portador da verdade, seu oposto é portador da *MEN-TIRA*, esta que deve ser rechaçada a todo custo. Então a bruxaria e a possessão (contato com o mal/Outro/estranho/diabólico) dão luz a uma falha, uma instabilidade que se agrava de repente, e repetem padrões aparentemente já superados (conhecidos), porém já superados pela tradição ocidental infalível.

1.3. Fundamentação teórica

A hipótese geral da dissertação é que a reelaboração do vivido, seja pela escrita histórica, pelo saber psicanalítico ou pela escuta mística possuem importantes pontos de convergência. Em primeiro lugar, os três discursos são permeados pela experiência com a ausência. A historiografia lida com o vivido que se esvai no tempo, e a psicanálise e mística lidam com lacunas, ausências (desejos não realizados, alteridade divina).

Essa experiência de ausência é comumente traduzida pelo sujeito como pejorativa, que se volta a uma culpabilização ou depreciação de si. Como já visto também, nesses três saberes a confrontação com essa perda costuma ser representada com uma ação/intervenção do maligno. Os três saberes costumam ter explicações por demais reducionistas e simplistas sobre esses padecimentos, a historiografia considerando o lado da acriticidade ou ignorância, a psicanálise à alienação psíquica e a mística à possessão demoníaca.

Outro ponto de encontro é que para defrontar-se com o ausente faz-se necessário a mediação de um interlocutor, bem como de uma escrita (narrativa histórica Certeau sobre Loudun, caso clínico A escrita de Freud, que usa de ficção teórica, recursos literários, a escrita mística. O que mais percebemos nesta redação são as aproximações entre a história e psicanálise nas tensões acionadas ao relacionar o passado ao presente. Ambas por exemplo tentam elucidar experiências performativas do presente.

De Certeau investe na interlocução entre estes dois saberes, visto que ambos utilizam da ficção teórica. O relato de caso freudiano combina no seu texto as estruturas patológicas com uma história (romance) de sofrimento. O mesmo ocorre na interlocução terapêutica, onde a narração fragmentada do paciente sofre restauração narrativa do médico. Nesse sentido o uso do literário não se opõe à escrita historiográfica – porque reconstitui padrões, relações, simbologias de um ambiente sociocultural, de posições sociais, de valores, etc. pela ótica freudiana, o passado fundador de cenas primitivas é rechaçado, apagado pelo presente e ao mesmo tempo organiza este.

DESCRIÇÃO DOS CASOS DE POSSESSÃO

2.1. Jeanne des Anges

Aprofundemo-nos nesta investigação sobre a possibilidade de abordagem interdisciplinar analisando sucintamente as experiências de possessão aqui evocadas. Jeanne des Anges e o fenômeno da possessão de Loudun foi estudado por Certeau e renderam alguns capítulos de livros e o livro de 1970 “A possessão de Loudun”. Em 1632 na cidade de Loudun na França, um grupo de freiras ursulinas começa a manifestar sintomas de possessão demoníaca. Sobre elas recaíam várias formas de autoridade, seja judicial, política, médica, religiosa. A madre superiora, Jeanne des Anges foi identificada como a receptora principal das possessões, e os exorcistas concluíram que as atividades deveriam se direcionar a ela, e por consequência as outras freiras se curariam também. Mas é importante entender o mal que a afligia (Jeanne) para compreender toda a trama da confrontação com o Outro.

Quando muito pequena, sofreu uma queda que a fez ficar com um ombro mais alto que o outro e a coluna entortada, de modo que seus pais a deixaram aos cuidados de um convento, para se dedicar à vida religiosa (e, pensavam, talvez Deus lhe recompensaria). Sua mãe se mostrava envergonhada de Jeanne, o que já lhe causava grande tristeza, e logo cedo a sua tia beneditina que cuidava dela no convento faleceu, e ela passou para os cuidados de outra tia muito mais severa. Jeanne então apresentava uma personalidade austera e ressentida, até fria, mas outras vezes demonstrava uma inteligência precoce (aprendeu latim muito cedo), e uma doçura e bondade que cativava a todos.

Desde pequena ela já apresentava visões e desmaios. Então em 1622 ela ingressa no mosteiro das ursulinas em Poitiers, e ali se ocupa de cuidar dos doentes. Mas inspirada pelas leituras de Santa Teresa e Santo Agostinho, não deixava de se acusar por sua dureza de coração e certa apatia. Em 1625 La Rocheposay, bispo de Poitiers apoiou a construção de um convento para as ursulinas em Loudun, que lá se instalaram em 1627. Jeanne fez questão de participar do grupo organizador, mas com sua subjetividade oscilante. E então em 1632, depois de a vila ser assolada por uma grande onda de Peste, matando 3700 pessoas, as freiras começaram a manifestarem-se possuídas:

[...] começou a ter visões de seu confessor, que havia morrido semanas atrás. [...] a Madre superiora, Joana dos Anjos, testemunhou seguidas

aparições noturnas do fantasma do seu confessor, falecido poucas semanas antes. Dias depois, a figura do confessor foi substituída por um homem de costas, também surgindo no escuro. Logo, porém, a estranheza passou a se manifestar em plena luz do dia e foi se tornando cada vez mais precisa, sob a forma de perfumes de flores e de fenômenos localizados no próprio corpo de Madre Joana e logo também de outras freiras, que começaram a apresentar contorções, variações bizarras na modulação das vozes, estranhas expressões faciais, tudo pontuado por gritos assustadores. [...] rapidamente o diabólico se personifica: os odores [...] são logo substituídos pela linguagem verbal [...] diversificad[a] em nomes próprios bizarros [de demônios] como Astaroth, Zabulon, Nephtalon, Achad, Allix, Uriel, etc. [...] elas [as religiosas] assumem vozes e papéis correspondentes a cada um deles, segundo uma tradição de longa data estabelecida no imaginário popular. Em poucos dias de conversa com o diabo que habita o corpo de Madre Joana, os exorcistas conseguem extrair uma revelação: o pároco de uma igreja da cidade, chamado Urbain Grandier, é explicitamente denunciado como autor do feitiço que colocou o[s] demônio[s] no corpo das possuídas. A acusação é gravíssima, pois bruxaria é um termo que por sua indeterminação, designa e concentra todas as ameaças. (BITTENCOURT *apud* BUARQUE, 2016).

Depois de um longo processo de exorcismos e tratamentos médicos Jeanne foi submetida ao método do Padre Jean Joseph Surin, que obteve grande sucesso com seu procedimento de interlocução. Mas um último demônio ainda resistia (Béhemoth), e dizia que somente deixaria Jeanne sob a autoridade de Surin. Este escuta Jeanne, sob a dinâmica Inaciana de reconhecimento das emoções que agitam o interior da alma. Ao invés de impor-lhe ordens, sugeria que Jeanne se abrisse ao amor de Deus e se apresentasse a Ele com simplicidade para receber e sofrer o que lhe agradasse. Claro que ela encontrava muita liberdade com essa forma inovadora de proceder. Foi então que no dia 15 de Outubro,

[...] dia dedicado a Santa Teresa, Surin celebrava a missa, embora muito apático. No momento em que distribuía a comunhão à Madre, através da pequena janela da grade, segurando a hóstia sagrada em suas mãos, sem ter dado nenhuma ordenação ao demônio, e dizendo “Corpus Domini nostri Jesu Christi”, a madre entrou em uma poderosa contorção, dobrando a coluna para trás, com expressão facial aterrorizante com a presença do demônio, torcendo sua mão esquerda com a palma virada para cima. O padre viu aparecerem então os nomes de Maria e José em um belíssimo vermelho e o de Jesus tão claro como ele nunca viu antes. Mas como sua mão tinha virado de uma tal forma que o polegar estava na virado para dentro, na direção onde

as religiosas estavam, e as costas da mão estavam viradas para fora de onde o padre estava, e ele disse não ter visto formar o nome François de Sales. Subitamente, a madre saiu de sua contorção, o demônio a deixou e ela retornou a sua posição de joelhos, de volta seu estado normal. Ela recebeu o corpo de Nosso Senhor, que tomou o lugar do demônio. E desde então, pelo resto de sua vida, ela não sentiu mais nenhuma presença demoníaca. (CERTEAU, 2000, p. 216).

Depois de liberta, Surin pôde retirar-se de sua missão, mas Jeanne veio a apresentar-se doente de novo. Ela sofria muito com dores e um tipo de congestão pulmonar. Dizia ter visões em que seu anjo da guarda e com São José, que lhe pousava a mão sobre seu corpo e realizava um tipo de unção divina, da qual ela saía sem mais nenhuma dor. Dois dias depois, observou que no lugar onde teria sido derramado o balsamo divino, ainda constavam cinco gotas que exalavam um aroma admirável. E assim, Jeanne se lançou a uma jornada em que ela passou por várias cidades francesas ao longo de cinco meses, mostrando sua blusa manchada pelo balsamo divino e os nomes em sua mão. Loudun se tornou definitivamente uma caricatura do teatro barroco organizado em volta da hóstia, e Jeanne, uma figura mártir, detentora de grande sabedoria do além.

Mas como interpretar então essa alteridade maligna que atingiu Jeanne, bem como a superação da mesma? Segundo Virginia Buarque, De Certeau destaca que foi uma eclosão de uma crise de uma sociedade de um esfacelamento de seus sistemas de sentido. Por exemplo, aquela sociedade passava pela transposição de uma cosmologia religiosa para a razão do Estado. Um novo mundo se instaurava, agora pensado junto do novo continente (as Américas), com o avanço do protestantismo, com a ciência pensando um universo infinito (não limitado ao “céu”), com o domínio do método cartesiano, novas tecnologias e métodos de acumulação de capital.

E em meio a esse abalo dos sentidos, eclodia a Possessão. Esta seria a linguagem do indizível, o momento de se falar aquilo que se recalca durante a crise: esta linguagem se caracteriza justamente pela confusão, fragmentação, dispersão. Todas as contorções, caretas, tremores e agitações são a expressão da descoberta de um novo mundo, onde os gestos se opõem a qualquer sentido unificador do mundo. Ultrapassada a crise, a expressão simbólica dessa sensibilidade se revela na arte, especificamente no movimento barroco feito de exageros, de oposições e ambigüidades.

De acordo com Certeau, Jeanne, ao relatar o mal que sofria, não constituía uma nova ordem, um outro lugar. De fato, a possessão não funda uma nova linguagem, mas brinca e rompe antigas representações, instaurando um vácuo de sentido. É uma *transgressão*, não um novo discurso. Não existe, portanto, um discurso do outro, mas uma alteração do primeiro. O que mais importa então não é o conteúdo do comunicado, mas sua função dentro de um sistema instituído, ou seja, sua forma de transgressão, que foge das formas classificatórias e disciplinadoras originais. Dessa forma se inverte a relação entre os exorcistas e as possuídas,

estas deixam de se tornar objetos de domínio e se tornam um sujeito, que questiona, interroga, desestabiliza, põe em perspectiva.

2.2. Daniel Paul Schreber

Outro personagem que consideramos aqui é Daniel Paul Schreber, nascido em 1842 de família burguesa protestante na Alemanha. Seu pai, Moritz Schreber era medico ortopedista e tinha métodos de correção da postura medievais, bem como métodos de endireitamento do espírito extremamente moralistas e repressores. Sendo assim a educação de Schreber sempre fora calcada em intensa repressão dos impulsos, contenção emocional, supressão dos sentimentos, e claro, da sexualidade.

Sua carreira evoluía gradualmente (ele era doutor em direito) e ele concorreu em 1884 às eleições parlamentares pelo Partido Nacional Liberal. Todavia, ele sofreu uma grande derrota neste pleito, com direito a nota irônica em um jornal da saxônia “quem é esse tal doutor Schreber?”, o que desencadeou seu primeiro desmoronamento emocional psicológico. Depois de algumas semanas em um asilo de Sonnenstein, ele fora transferido a Leipzig, onde passou a ter o acompanhamento do professor Flechsig (a segunda figura de autoridade sobre seu corpo). Quando obteve alta, tomou posse no *Landgericht* (tribunal de comarca) como Juiz-presidente (*senatspräsident*).

Meses depois ocorreu um segundo desmoronamento emocional, o levando a sua pior crise, na qual ele volta à clinica de Leipzig. Ele sofria de insônia e sensação de amolecimento cerebral. Tinha idéias de perseguição e sensação de morte eminente, e chegou a tentar suicídio. Tinha intolerância a barulhos e luz, e começou a ter alucinações auditivas e visuais, inclusive entre as quais começou a dizer ter contatos com Deus. Nessas alucinações ele via aparições milagrosas do Deus Arimã, que lhe incumbia da missão se redentor da humanidade, escolhido entre todos os homens. Mas para isso, ele teria que ser humilhado, depreciado, tratado como *Luder* (podre, lixo, puta, megera, safada) e ser emasculado, se tornando a concubina de Deus.

Segundo os escritos do próprio Schreber no seu “Memórias de um doente dos nervos” (publicado em 1903), Durante uma noite única o deus Arimã apareceu. Este era o deus inferior, ligado às raças escuras (enquanto Ormuzd era o deus ligado à raça loira ariana). Sua voz pujante assombrava Schreber, mas o conteúdo do que dizia era autentico e perfeito, de modo que não parecia estar diante de algo terrível, mas algo grandioso e sublime. A palavra *Luder* se fez ouvir varias vezes, caracterizando Schreber como megera, devassa, submissa à autoridade de deus – por isso é importante distinguir que ele não era tal como um demônio, transgressor, libertino. Ele era análogo ao deus punidor e repressivo, próprio da cultura protestante mais rigorosa. Por outro lado, justamente por ser implacável, era onipotente e sublime.

Ainda segundo Schreber, quando deus terminou a obra do mundo, se retirou para bem distante, e só chamava para si a alma dos mortos, e muito raramente aparecia àqueles homens mais capacitados, altamente dotados para se relacionar com eles, ou interviria por meio de

milagres no mundo. E foi assim que deus teria vindo a Schreber, numa experiência de contexto religioso, ou melhor, místico.

Essa aparição milagrosa pode ser comparada ao que Freud caracteriza como fantasma, figura psíquica recalcada que retorna à cena. Na mística, a ausência do outro e impossibilidade de viver ser este outro assombram o sujeito, também na psicanálise questões recalcadas retornam vez em quando. Schreber reproduz relações, condições, padrões de comportamento que já viveu, mas que ainda pulsam, tem vigor. Neste caso, o fantasma de Schreber era algo depreciativo, que o estava impondo uma aniquilação de si, análoga à pulsão de morte presente entre os místicos, para renascer como uma nova pessoa, mais reconhecida, mais legítima, e liberta do peso dos erros do passado.

Este estado de morte aparece a Schreber de duas formas, pela emasculação e pela nomeação como podridão, ambas vindas da palavra *Luder*. Ao fazer essa nomeação, ocorre um novo nascimento e uma troca simbólica de pai, uma adoção pelo deus Arimã. Mas aceitar a condição atribui um lugar, o de uma prostituta vendida à melhor oferta. Ele se submete às condições de Arimã, retomando o sentido de sua subjetividade e não apenas sendo condenado aos desmandos de deus.

Ao se analisar a infância e trajetória de vida de Schreber, percebem-se traumas nele cultivados, que são fundamentais para compreender suas elaborações. Primeiro fora vítima de uma educação sádica já comentada por seu pai, cheia de privações e castrações, que facilmente o levariam a um comportamento desviante, alternativo ao padrão. Depois vítima de manipulação médica pelo professor Flechsig, e ambos representam uma imposição de saber sobre o corpo, o que pode culminar num sensação de controle e domínio sobre o sujeito, o que causa sérios traumas. Por fim tanto Freud como Schreber se depreciavam ao evocar a figura do judeu, com Schreber por exemplo ressaltando que passava por uma efeminação judaica.

Mas ao final do processo lhe ocorria um pensamento: afinal, qual o problema de ser lixo? Não se trata de uma entrega ou desistência total de si, mas de um desapego de seu corpo e de sua identidade tal como é, em função de dar-se conta que o eu se encontra em causas maiores, que ultrapassam toda esta existência pequena que ele vive. Fora dele existem histórias, lutas, idéias, outros sujeitos. É a memória de um real que deixa de ser garantido por um pai. Aqui o sujeito se liberta de sua relação com uma alteridade/autoridade. O que Schreber abdica é de uma identidade auto-referencial, auto-centrada. O que ele ganha na experiência mística, e que aparece nas reflexões da psicanálise, é uma identidade pautada no reconhecimento de que o EU é indissociável do Outro, mesmo que o EU morra, se ainda há um outro, há vida, e a luta vale a pena.

1.3. Christoph Haizmann

Por fim o caso de Christoph Haizmann. Este último personagem foi estudado por Freud e descrito em 1922 no seu livro “uma neurose demoníaca do século XVII”. Trata-se de um caso de possessão de um pintor bávaro, que, com prévio exorcismo, se fez religioso.

Haitzmann havia ingressado no mosteiro de Mariazell (em Zell, na Estíria) em busca de cura. Acometido por convulsões, ele vinha de Pottenbrunn e portava uma carta de recomendação escrita por Leopoldo Braun ao abade do convento, que descrevia uma possessão demoníaca do pintor.

Em suas neuroses Haitzmann realizava pactos com o Diabo, e este ultima substituía a figura de um pai, de acordo com Freud. E a esse novo pai, dever-se-ia entregar-se por completo, para ter os benefícios de ser filho. Análogo ao Diabo, o Estado parece cumprir um pouco o papel de “pai” da comunidade. Num momento histórico de forte tensão entre protestantes e católicos, todas as certezas sobre a vida eram derrubadas, e o Estado, ou o Diabo, no caso de Haitzmann pareciam cumprir esse papel de uma referência de confiabilidade e mesmo de proteção.

Haitzmann havia perdido seu pai, o que o trouxe um quadro de depressão, e mais tarde, a primeira submissão a um pacto com o demônio, que o teria seduzido, e assim o pintor se entregara a ele de corpo e alma. O prazo deste “contrato com o Diabo era 24 de Setembro de 1677. Haitzmann esperava que no convento, a Virgem Maria de Zell o salvasse dissolvendo o pacto feito com o Maligno. O pintor fora exorcizado por três dias e três noites, mas em uma noite de festividade de Mariazell, ele avistou o diabo ao lado do altar, em forma de um dragão alado, e se precipitou em sua direção, restituindo o pacto. Após um tempo, ele apresentou novamente o quadro de convulsões e até mesmo paralisia das pernas.

Desde então, foram retomados os exorcismos em Mariazell, já que ele teria feito um segundo pacto. Além disso, ele veio a ingressar como religioso no convento, nomeado como Irmão Crisóstomo. Ele faleceu em 1700 em Neustadt, e uma investigação de 1714 aponta sua vida como regular, mas com tentações a fazer novos pactos com o Diabo, especialmente quando o pintor “havia bebido vinho um pouco demais”. Testemunhos como este, de possessão demoníaca existem aos milhares no século XVII. Para Freud, isso é nada menos que “uma mina a céu aberto, uma noite que se mostra em plena claridade”. De acordo com Freud, que também investe nessa interdisciplinaridade, a loucura não é destituída de certo método, e precisa ser compreendida, escutada, pois revela muito do que está oculto pela superfície.

CONCLUSÃO: A INTERLOCUÇÃO RESSIGNIFICANTE

Os três domínios de conhecimento aqui considerados também se aproximam no que tange a reorganização do sujeito depois do abalo do confronto com a alteridade. Ocorre que parte do próprio sujeito a reconstrução de seu mundo (que foi abalado), ao relatar tudo o que passou através de um testemunho historiográfico, ou por um tratamento psicanalítico, ou através de uma escuta espiritual.

Através dessa interlocução, feita seja pela escrita historiográfica, ou pelo caso clínico ou pela escrita mística, o sujeito ressignifica seu processo de transformação, geralmente através da criação de um novo comprometimento para com o outro: aquela relação tão dura e hierárquica entre o sujeito e a figura demoníaca é sempre superada por uma nova relação

criada, mais amena e horizontal, entre o sujeito e a causa que lhe ultrapassa, suas lutas, histórias, outros sujeitos. Algo onde ele está, mas fora de seu corpo. Algo em que investiu e que vai permanecer ali mesmo depois de seu aniquilamento, e por isso o personagem se entrega – de forma ativa e voluntária – a uma ruptura de sua identidade em prol de uma causa maior que ele próprio.

Caberia então à psicanálise desvendar este passado fundador e as raízes do padecimento do sujeito. Já ao historiador, caberia desvendar de que maneira o sujeito age com a produção de poderes e saberes. Outra semelhança é que em ambos há a incidência da memória na fluidez dos tempos (dependem dela para os tempos se elaborarem). Assim, a categoria de alteridade erige-se como uma das mais importantes na interlocução teórica encetada por Certeau nas configurações de possessão aqui analisadas. Este autor acredita que o discurso da possessão engloba elementos que provém do passado já superado, mas há também uma singularidade que orienta esses elementos e o desencadearam. Então o fenômeno reorganiza os elementos deslocando os conflitos de seus verdadeiros focos e paradoxalmente, com isso, facilita a tomada de posição para uma possível saída, e restituição da realidade abalada.

REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, Marcos Renato Holtz de. Do terror ao entretenimento: a evolução da figura do Diabo na sociedade pós-moderna. *Urutágua*. Maringá, 2004. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/005/20soc_almeida.htm>. Acesso em: 25 jul. 2017.
- BITTENCOURT, Maria Inês Garcia de Freitas. *A ruptura da Modernidade: Michel de Certeau e o diabo em Loudun*. Disponível em: <<http://pipa.psc.br/artigos/ruptura-da-modernidade/>>. Acesso em 29 mar. 2018.
- BUARQUE, Virgínia. A teologia em escritos de Michel de Certeau: vislumbrando Deus no contemporâneo. *ANAIIS do VI Congresso da ANPTECRE*. 2017. p. 863-870. Disponível em: <http://www.anptecre.org.br/index.php?pagina=grupo_noticia&tela=10&vw=327>. Acesso em 29 mar. 2018.
- _____. *Surin e o encontro com o "pobre"*. Roda de Leitura *A Fábula Mística I* de Michel de Certeau. Centro Loyola de Belo Horizonte, 3 set. 2016. Mimeo.
- CERTEAU, Michel de. *Historia y psicoanálisis*. México: Universidad Iberoamericana, 1998.
- _____. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- _____. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- _____. *A Fábula Mística 1. Séculos XVI e XVII*. Rio de Janeiro: GEN, 2015.
- _____. *La Possession de Loudun*. Paris, Julliard, 1970.
- _____. *A Invenção do cotidiano: artes de fazer*. 2ª. ed.. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. *The possession at Loudun*. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.
- COSTA, Otávio Barduzzi Rodrigues da. Uma história de possessões demoníacas em Loudun. uma análise da obra de Michel de Certeau sobre um fato político-religioso. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, v. 11, n. 20, p. 184-195, jul/dez, 2017.

COSTA Raul Max Lucas da. Michel de Certeau: entre a história e a psicanálise [Resenha]. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 10, p. 294-299, dez. 2012.

COUTINHO, Alberto H. S. de Azeredo. Schreber e as psicoses na psiquiatria e na psicanálise: uma breve leitura. *Reverso*, Belo Horizonte, n. 52. set. 2005.

CRESSONI, Fábio Eduardo. Demônios de lá, que ressurgem acá: demonologia, missão e alteridade jesuítica na América Portuguesa. *Anais do VII Congresso Internacional de História*. Universidade Estadual de Maringá, 6 a 9 out. 2015. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1225.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

DE MORI, Geraldo; BUARQUE, Virgínia. Corpos ditos pelo outro: uma leitura de Michel de Certeau. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 14, n. 44, p. 1538-1564, out./dez. 2016.

DOSSE, François. Historia y psicoanálisis: genealogía de una relación. *Pasajes: Revista de pensamiento contemporáneo*, n. 11, p. 93-114, 2003.

FRANCISCO, Augusto César. A modernidade schreberiana: abjeção, preconceito e ideologia. *Cronos*, Natal, v. 5/6, n. 1/2, jan./dez. 2004/2005.

FREUD, Sigmund. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, volume XII, 1911-1913.

_____. O testemunho de Daniel Paul Schreber (1842-1911). In: *Memórias de um Doente dos Nervos* (1903). Construção Hipertextual dos Alunos da Disciplina de Psicopatologia I - UFRGS 2007/01. Disponível em <<https://www.ufrgs.br/psicopatologia/schreber/>> Acesso em 09/07/2017.

JOSGRILBERG, Fabio B. Michel de Certeau: a “teologia da diferença” e a missão cristã. *Caminhando*, v. 7, n. 2, p. 105-119, 2002.

MIRANDA JUNIOR, R. F. *Estratégias do tempo e discurso narrativo: relações entre história e psicanálise em Michel de Certeau*. 2017. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ORELLANA, Rodrigo Castro. *Princípios: revista de Filosofia*. Natal, v. 19, n. 31, p. 5-27, jan.-jun. 2012.

PISANI, Francisco. *Literatura e Psicoanálisis: Aproximaciones y Escenas de loliterario en la obra de Freud*. Tesis para optar al grado de Licenciado en Psicología. Santiago, Agosto de 2007.

SANTNER, Eric L. *A Alemanha de Schreber: uma história secreta da modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

SCHREBER, Daniel Paul. *Memórias de um doente dos nervos*. Traduzido do original alemão por Marilene Carone. Rio de Janeiro : Edições Graal, 1984.

TOMASELLI, [Tovar](#). Daniel Paul Schreber e a Psicose. [Sob a Lente da Psicanálise](#). *Redepsi*, 2007. Disponível em <<http://www.redepsi.com.br/2007/10/13/daniel-paul-schreber-e-a-psicose>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

WIRTH, Lauri Emilio. Religião entre o instituído e as vivências votidianas: chaves de leitura a partir de Michel de Certeau e Veena Das. *Caminhos*, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 275-290, jan./jun. 2016.